



REPRESENTAÇÃO DO ENTRE – LUGAR EM BUDAPESTE, DE CHICO BUARQUE

Débora da Silva Chaves 1
Ricardo Oliveira de Freitas 2

Partindo de um entendimento presente em Homi Bhabha (2007) é possível observar o *entre* – *lugar* como um momento de trânsito em que o espaço e o tempo se encontram para produzir figuras complexas de diferença e identidade.

Esse momento de trânsito cria uma forma indefinida, resultante dessas fusões (espaço/tempo) que exprime, de maneira complexa, um lugar de instabilidade do sujeito ao tentar construir sua identidade baseada em reparos e em sentidos autênticos, criados em perspectivas ligadas ao trânsito cultural, unificando as culturas, somando-as e completando--as e, como resultado, propondo um novo olhar sobre as formas de experimentar o horizonte verdadeiro; aproximando-o de uma estratégia de deter o poder sobre os fatos, sobre as pessoas, sobre a vida, e dessa forma, alcançar uma transposição de fronteiras existentes entre o passado, o presente e o futuro.

Diante dessa observação é possível destacar uma representação, ou seja, uma nova apresentação, em forma de atitudes, que podem trazer à visibilidade fatores que se juntam para traduzir esses fenômenos de instabilidade ora apresentados, expressos em gestos, palavras e demais formas de interpretação do sujeito que se traduz em *entre* - *lugar*. (BHABHA, 2007)

Numa outra perspectiva, o *entre* – *lugar* pode ser traduzido como a soma de culturas e de apreensões de vida que se fundem num movimento hegemônico, formando uma nova estrutura do sujeito, que embora fragmentado, atende as demandas do novo mundo e está aberto ao entendimento dessas possibilidades, permitindo um olhar amplo, disjuntivo, sobre as identidades, que se tornam móveis, mas em constante construção, e que somadas a outras identidades, resultam na construção de um novo *Eu* interpretado como uma *hibridação*. (CANCLINI, 1998)

O Romance Budapeste, de Chico Buarque se presta bem ao entendimento desse estudo, pois trás à tona esses questionamentos em forma de viagem real e ficcional, dando uma abertura mais ampla para o desdobramento desses conceitos.

1 Mestranda em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB; dekachaves@ig.com.br

2 Orientador; Professor Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; docente do mestrado em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; ricofrei@gmail.com



Budapeste é o terceiro romance do escritor, cantor e compositor Francisco Buarque de Hollanda (Chico Buarque), publicado em 2003 pela Companhia das Letras.

Sua narrativa diferenciada rendeu a Chico Buarque diversas críticas de grandes nomes como Saramago, Caetano Veloso, Beatriz Resende, entre outros.

Por conta da grande repercussão da narrativa de Chico Buarque, foi produzido um filme baseado no livro, sobre a direção de Walter Carvalho, gravado na Hungria, no Brasil e em Portugal, também intitulado *Budapeste*.

A narrativa conta a história de José Costa, um ghost-writer, escritor especialista em escrever livros para terceiros sob a condição de permanecer anônimo. Na volta de um congresso, José Costa é obrigado a fazer uma escala imprevista na cidade de Budapeste, o que desencadeará uma série de eventos envolvendo-o em uma história cheia de instabilidades e fragmentações.

Partindo de uma viagem real, através do deslocamento do personagem José Costa, quando narra, de maneira atemporal, a sua partida do Rio de Janeiro em direção à cidade de Budapeste. Em seguida nos apropriaremos do termo “sujeito diaspórico”, no contexto descrito por Stuart Hall (2006) para representar essa inconstância, apresentada em forma de viagem ficcional e metafórica, que representa a adição do novo *Eu*, somado a novas experiências, para compor o sujeito. Uma espécie de mudança de identidade e/ou personalidade, que o personagem José Costa realiza quando, no momento em que está fora da cidade do Rio de Janeiro, se comporta de maneira diferente daquela primeira, já que parte com base em interesses tradicionais aos movimentos migratórios.

Através do primeiro deslocamento do personagem José Costa, no movimento que inaugura sua partida do Rio de Janeiro em direção à cidade de Budapeste é possível perceber a existência do *entre – lugar*, representado na inconstância e na indefinição, apresentada em forma de viagem real.

Essa viagem real registra uma série de conseqüências que podem ser percebidas ao longo da narrativa de Chico Buarque. São expressões naturais que José Costa apresenta quando inicia sua viagem e transformações, sem que de fato tivesse desejado, como expresso no trecho abaixo:

“Fui dar em Budapeste graças a um pouso imprevisto, quando voava de Istambul a Frankfurt, com conexão para o Rio. (...) Aumentei o volume, mas a locução era em húngaro, única do mundo que, segundo as más línguas, o diabo respeita. Apaguei a tevê, no Rio eram sete da noite, boa hora para telefonar para casa; atendeu a secretária eletrônica, não deixei recado, nem faria sentido dizer: oi, querida, sou eu, estou em Budapeste, deu um bode no avião, um beijo. (...) Tenho esse ouvido infantil que pega e larga as línguas com facilidade, se perseverasse poderia aprender o grego, o coreano, até o vasconço. Mas o húngaro, nunca sonhara aprender.” (BUARQUE, 2003, 6-7)

O momento de sua chegada à Budapeste parece instaurar um desejo inconsciente de mudança de vida onde, o personagem se depara com uma fixação pelo idioma húngaro e sente uma vontade repentina de aprender a língua e de até mesmo, regressar a cidade.



No trecho destacado percebemos o desprendimento do personagem que nessa primeira atitude não apresenta nenhuma razão legítima para desejar conhecer Budapeste.

Somente quando retorna ao Rio de Janeiro é que entra em cena a possibilidade de aprender o idioma húngaro, decide então ir a um encontro no consulado húngaro, onde um poeta seria homenageado. Dias depois, compra as passagens para ir à Budapeste, usando como pretexto uma possível viagem de férias com a esposa, que de imediato discordou do destino, mas não fez com que Costa desistisse da viagem, ao contrário, faz com que fique implícito o desejo de viajar sozinho:

E agora, ao atender à última chamada para Paris, minha conexão, tive um pouco de pena da Vanda, que sobrevoando sozinha o oceano Atlântico talvez refletisse no quanto fora injusta. Naquele momento talvez se mortificasse por não estar de mãos dadas comigo, levantando vôo para Budapeste. Ignorava que para Budapeste, no fundo, penso que não a convidaria, se não estivesse seguro de que voaria só.” (BUARQUE, 2003, 43)

As características apresentadas por Bhabha para traduzir o entre – lugar como esse trânsito entre o espaço e o tempo demonstram uma insegurança na personalidade do sujeito, pois ao desafiar o tempo, superando barreiras que solidificam as identidades, o sujeito é capaz de criar um mundo paralelo, que atenda a suas demandas e que se transforme num objeto de sentido para o inconsciente e o inconstante.

Cada vez que o espaço e o tempo se cruzam são produzidas figuras ainda mais complexas, que resultam em diferenças e lugares não definidos. Essas diferenças constroem infinitas possibilidades e o sujeito vislumbra uma possibilidade de resposta para suas demandas internas e individuais. (BHABHA, 2007). É dentro dessa perspectiva que encontramos o *entre – lugar* na vida desse personagem; sua instabilidade é notada desde a sua profissão: ele é um *ghost-writer*, que escreve sob encomendas, ou seja, escreve textos que outras pessoas assinam; até mesmo sua identidade civil: no primeiro momento é o José Costa e posteriormente se torna Zosze Kósta, deixando, muitas vezes confuso, os momentos de distinção entre as duas pessoas.

No segundo momento em que José Costa parte para Budapeste, desta vez voluntariamente, sua vida já está cheia de avessos; começa uma aparente *interrogação de identidade*, que se trata do momento em que o sujeito começa a questionar quem de fato ele é diante de tantas absorções de culturas e identidades que se somam as dele ao longo de sua existência (cf. HALL).

Várias cenas aparecem como uma idéia de simulacros, espelhos e repetições, que nos remete a uma representação daquilo que já existe, ou seja, uma cópia, uma re-apresentação daquilo que é concreto e visível, adaptado as novas tecnologias ou culturas, de acordo com o contexto a que está inserido.



No caso das histórias de José Costa, o simulacro é a representação de sua própria vida; uma cópia da realidade em que vive, a medida escreve para outros. É como se ele visse acontecer na vida real, aquilo que ele escrevia em seus textos encomendados.

José Costa cria uma versão para a relação de Vanda com o alemão, capaz de deixar o leitor com dúvidas entre a realidade e a ficção, dando uma mostra do que Beatriz Sarlo trata como sendo uma instabilidade pós-moderna, que reúne diversos fragmentos isolados em busca da formação de algum argumento concreto que possa traduzir a insegurança e o desejo de felicidade que ela carrega. Essa instabilidade pós-moderna é o resultado de uma série de identidades que o sujeito adere a sua própria, formando uma cadeia de identidades que estão em constante mutação.

A possibilidade do passado e do além, se unem em um novo horizonte para formar o *entre – lugar*, ao mesmo tempo que esse novo horizonte não é nem o primeiro, nem o segundo e sim o resultado dessa junção, o encontro significativo que traduz a experiência de unir duas perspectivas. (BHABHA, 2007).

A vida paralela do personagem, então, se cria em forma de viagem ficcional, metafórica, no momento em que, havendo possibilidade da viagem de férias, José Costa resolve voltar à Budapeste. Nessa viagem metafórica, como afirma Octávio Ianni, o sujeito desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades, construindo um espaço metafórico que responde aos seus interesses mais pertinentes e desvendando lugares que só podem ser alcançados no inconsciente.

A mudança de comportamento registrado em José Costa traz à luz uma série de pensamentos formulados sobre a ideia que confunde realidade e ficção, pois, diante de tantos desdobramentos, chega um momento em que a mutação do personagem se torna radical, trazendo um entendimento que poderia ser traduzido não somente por *crise de identidades* (HALL, 2002) como também por uma ideia do homem como sua *imagem alienada* (BHABHA, 2007), pois no desenrolar da narrativa é possível perceber uma vida paralela traçada por este personagem, que de um lado mantém o nome José Costa, nome original, homem morador da cidade do Rio de Janeiro, brasileiro; e do outro, passa a ser o Zosze Kósta, húngaro, morador de Budapeste, personalidade que adota, ou melhor, que aceita, ficando evidente uma forma de comparação imaginária entre realidade e ficção que o coloca na condição de tradutor da realidade.

sob vários aspectos, a comparação revela-se um experimento indireto, mental ou imaginário. O contraponto de situações, ações, relações, processos e estruturas permite sublinhar condições e tendências, estilizar realidades e possibilidades, desvendar nexos e tensões, perceber dimensões recônditas, escondidas nas configurações e nos movimentos da realidade.” (IANNI, 2000, p. 16)



Na atitude diaspórica do personagem há uma intencionalidade em recuperar alguma coisa; algo que nem mesmo ele saberia explicar o que era. Age como se tivesse despertado em si um desejo por dispersar para um lugar inusitado, onde não conhecia as pessoas, nem os lugares mais freqüentados e muito menos, que soubesse falar a língua usada, como se de fato optasse por uma nova forma de vida, ou mesmo, uma nova vida.

A idéia consensual de diáspora na contemporaneidade freqüentemente nos remete à dispersão. Estudos contemporâneos, notadamente os relacionados aos Estudos Culturais, vêm colocando a diáspora como uma das principais manifestações relacionadas à emigração e a necessidade de expandir, priorizando circunstâncias que incentivam esse deslocamento.

Através desse deslocamento o sujeito insere em seu campo de conhecimento experiências que o ajudarão a lidar com as mudanças ideológicas do mundo contemporâneo, provocando uma mudança repentina no que se traduz, entre outras formas, em *rasuras de identidades*. (HUTCHEON, 2001)

Mas na condição do personagem que se presta a análise desse estudo, a atitude diaspórica está longe de uma estratégia consciente e revolucionária de “mudança de vida”, ao contrário disso, ele age de maneira irracional e inconsciente, pois mesmo no momento em que permanece em Budapeste, que o tempo e os dias já não servem de referência, em nenhum momento José Costa narra um arrependimento ou uma nostalgia.

Esse discurso de diáspora está sendo usado para provocar uma percepção que sobrepassa a atitude de José Costa, no momento em que assume ser Zosze Kósta e diante da escolha reforça sua vontade de dispersar para mudar, para ser outro, se prestando ao *trânsito cultural*, e aos sobrepostos das *identidades culturais* móveis (HALL, 2002).

Com a viagem real, o deslocamento, o personagem abre as portas para as possibilidades das experiências e com a viagem ficcional ele transita nessas possibilidades deixando evidente sua instabilidade e recriação de um Eu que ainda está em construção. Seus delírios ficcionais são marcados por diversos panoramas (APPADURAI, 2000), onde há um envolvimento social, étnico, financeiro e outros que podem ser percebidos em sua atitude diaspórica.

O vazio do personagem está presente nas situações que ele vive em Budapeste, que chegam a por em risco a sua vida e mesmo assim não desiste da viagem.

Independentemente do modo do deslocamento, desde os tempos mais remotos, é fato que os aspectos inerentes ao ato de viajar se mantêm: a curiosidade sobre o desconhecido, sobre o conhecimento do diferente, sobre a surpresa e o encantamento do que vai conhecer.” (SIMÕES, 2009, p. p. 53)



O que se observa nessa atitude do Zosze Kósta não é uma relação de alívio, ou uma satisfação sequer diante de tudo o que acabara de acontecer, no lugar disso, o que se vê é uma indiferença, um vazio, uma curiosidade sem medida.

Existe uma intencionalidade no personagem quando evoca o desejo de se tornar outra pessoa; e ao desejar esta outra pessoa, se presta a características apontadas por Bhabha como *negações repetidas da identidade*, que:

Dramatizam, em sua elisão do olho vidente que deve contemplar o que está desaparecido ou invisível, a impossibilidade de reivindicar uma origem para o Eu (ou o Outro) dentro de uma tradição de representação que concebe a identidade como satisfação de um objeto de visão totalizante, plenitudinário.” (BHABHA, 79).

O fascínio do personagem é com um todo: a cidade de Budapeste, a língua húngara e a paixão por Kriska. Em nome desses fascínios é que ele se coloca nesse *entre - lugar*, tentando de alguma forma ser outro para ser capaz de viver essa outra realidade.

Ironicamente, Vanda acaba se apaixonando pela autobiografia do alemão Krabbe, escrita por José Costa, enquanto Kriska considera os poemas que Zosze Kósta escreve nada mais que “exóticos”, o que leva Zosze a romper com ela e tentar novamente o retorno à Vanda, que agora, já não é mais a mesma Vanda que ele deixou, deixando legível que essa tentativa de recuperar o passado já não é mais possível, pois os resíduos ficam, mas o lugar está em constante mutação. Em sua língua nativa, era escritor, na língua húngara, era poeta.

O momento em que José Costa revela à Vanda que o autor do livro *O Ginógrafo* é ele e não o alemão marca o ponto final de seu *Eu* real; perde a esposa definitivamente e não consegue dar um passo para fora desse *entre - lugar* em que se encontra.

Esse constante deslocamento do personagem que cada vez mais o *entre - lugar* se instaura em sua vida, provocando uma instabilidade e uma falta de coerência nos acontecimentos que acabam provocando uma insegurança na leitura, a ponto de o leitor não mais saber se ele é o José Costa que se transformou em Zosze Kósta ou se o José Costa de fato, nunca existiu.

Não há uma nota fiel que possa evidenciar as duas vidas, apenas provoca uma sensação de estar o tempo todo jogando com o real e o ficcional a fim de constatar a mesma instabilidade pós-moderna (cf. SARLO, 1997) que as constituem ao mesmo tempo em que sugere sua multiformidade e suas aberturas para outras tantas possibilidades.

O personagem José Costa se presta bem a uma identificação no papel das multiculturalidades, provando que essa mistura, essa *hibridação* (CANCLINI, 2000), que pode ser por um lado ilusória, fantasiosa, mas ao mesmo tempo, pode dar significado a formas que não se estabelecem concretamente.



Bhabha sugere que:

“A questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *autocumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser *para* um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação... é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem.” (BHABHA, p. 77)

Desse modo, podem-se destacar as marcas da identidade do personagem pelos dois lados (José e Zosze) e pode-se dizer que ambos estão ali no mesmo *Eu*, ao passo que estão em vidas paralelas, distintas e diferenciadas que não se podem comprometer mas, que o tempo todo, se comprometem.

A provocação que se forma no desfecho do romance é uma boa forma de legitimar o *entre* – lugar do personagem. Ele é convidado pelo consulado da Hungria à regressar à Budapeste, para ser homenageado pelo lançamento de um livro, intitulado *Budapest*, supostamente de sua autoria. Deixava de uma vez a vida de um certo José Costa que agora era escrita por um ghost-writer, mas, levava sua assinatura.

A retomada da vida paralela do personagem fica evidente, quando em sua leitura ao texto de *Budapest* ele estabelece uma retomada também ao início do romance de Chico Buarque, “Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira...” (BUARQUE, p. 5), transformando o que até então, estava sinuoso, numa verdadeira estratégia de juntar a viagem real à viagem metafórica, retificando no contexto narrativo a união entre o passado e o presente, a identidade e a alteridade, o interior e o exterior. (BHABHA, 2007)

“E no instante seguinte se encabulou, porque agora eu lia o livro ao mesmo tempo que o livro acontecia. Querida Kriska, perguntei, sabes que somente por ti noites a fio concebi o livro que ora se encerra? Não sei o que ela pensou, porque fechou os olhos, mas com a cabeça fez que sim. E a mulher amada, de quem eu já sorvera o leite, me deu de beber a água com que havia lavado sua blusa.” (BUARQUE, 2003, p. 174)

Portanto, a vida desse personagem permanece incompleta durante toda a narrativa e constrói um longo caminho repleto de histórias inventadas, que se presta a responder aos anseios atuais e ao suprimento de necessidades momentâneas, expressa em forma de confusões de sentido, indistinção do real e do ficcional, busca de respostas autênticas e novas possibilidades de vida.

Por esta razão, a representação do *entre* – lugar em José Costa corresponde aos lugares não definidos, que complementaram o apanhado de manifestações do instável e serviram para configurar as expressões da instabilidade aqui mencionada; e essa instabilidade ganha presença elevada, dando visibilidade aos menores fragmentos explícitos no texto que reforçam a descontinuidade e a instauração desse espaço desconfigurado, fragmentado e híbrido a que o exemplo do personagem José Costa se presta.



Referências Bibliográficas:

- APPADURAI, Arjun. Disjunção e Diferença na Economia Cultural Global. In: FEATHERSTONE, Mike (cood). *Cultura Global – Nacionalismo, Globalização e Modernidade*. Trad. Attílio Brunetta. 3. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999. pp. 311-327.
- BHABA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG Editora, 2007.
- BUARQUE, Chico. *Budapeste*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.
- _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine Resende. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2006.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1991.
- IANNI, Octávio. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da Vida Pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- SIMÕES, MLN. Identidade Cultural e Turismo: a literatura como agenciadora de trânsitos, in: CAMARGO, P.; DA CRUZ, Gustavo (org). *In: Turismo Cultural: Estratégias, Sustentabilidades e Tendências*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 49 – 58.